

## ***Fronteiras Perdidas: Uma literatura em viagem***

Renata Flávia da Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

*Uma fronteira não é o ponto onde algo termina, mas, como os gregos reconheceram, a fronteira é onde algo começa a se fazer presente.*

Martin Heidegger

José Eduardo Agualusa, em *Fronteiras perdidas*, brinda o leitor com dezesseis contos, por ele intitulados, para viajar. São esses contos “em viagem” literária pelo tempo e pelo espaço da “pós-colonização” o tema do presente trabalho.

Esse trabalho tem por objetivo analisar as narrativas de “fronteiras perdidas” inscritas num universo ficcional globalizado e globalizante, a multiplicidade das identidades originadas após a independência angolana e a importância dessa literatura que se inscreve num lugar entre o real e o fictício.

Angolano mestiço, José Eduardo afirma que escreve “pela razão que levou à escrita a maior parte dos escritores africanos ou angolanos: a procura da identidade: afinal, quem é que sou, quem somos nós, no meio desta situação?”<sup>1</sup> Jornalista e escritor, vive atualmente no Brasil; é um autor que, nas palavras de Bhabha, está além, está na fronteira a partir da qual cria seu universo ficcional.

Poder-se-ia dizer que a “localidade”, isto é, o local no qual se insere o discurso ficcional de Agualusa tem mais a ver com algo em torno de uma temporalidade que de uma historicidade. Atualmente, grande parte da crítica literária demonstra uma recepção bastante controversa da obra do jovem escritor angolano. Boa parte dessa controvérsia deve-se à dificuldade em situar seu texto puramente como uma narrativa ficcional ou como uma narrativa de cunho histórico. Em sua obra estão presentes vários registros discursivos, tais como a biografia, ou a autobiografia romanceadas, o romance epistolar, o romance histórico e a crônica; todos registros que levam o leitor a um pacto de veracidade mais que de verossimilhança.

A subversão cronológica aliada às diversas estratégias discursivas utilizadas pelo autor conferem a sua obra “traços de veracidade” que, inseridos em obras ficcionais, as instauram num lugar entre o *factum* e o *fictum*.

É na tentativa de delimitar esse lugar-entre que se passa, a seguir, a análise das narrativas apresentadas em *Fronteiras Perdidas*.

A inserção de fatos e personagens históricos em narrativas ficcionais é uma temática constante na obra de José Eduardo Agualusa. Sua obra pode ser considerada como um reflexo da tão pouco conhecida História de Angola. Em seu jogo de espelhos, José Eduardo Agualusa, une realidade e ficção apresentando um cenário novo para a história angolana.

Nos vários pedaços da história incrustados no mosaico das narrativas, podemos identificar períodos como o 25 de abril em Portugal e a independência de Angola, como no conto “Plácido Domingo contempla o rio, em Corumbá”, ou períodos como o “fim” da guerra civil e o batalhão fantasma que segue a ermo pelo país, como no conto “Eles não são como nós”. Períodos recentes como as manifestações do Movimento dos Sem Terra, no Brasil, também são lembrados na errância narrativa de “A volta ao mundo num elevador”.

Os fragmentos da história apreendidos nas narrativas de Agualusa rompem com a linearidade da visão histórica tradicional, utilizam-se de rotas simultâneas para reavaliar criticamente o passado. São discursos que narram o passado através das palavras e da visão de hoje. Desconstroem as “versões oficiais” do universo real enquanto constroem um universo ficcional onde há simplesmente versões, numa polifonia que traz temporalidades antes impensáveis.

Estrategicamente, Agualusa não diferencia os fatos históricos dos ficcionais criados por ele. Ítalo Calvino aponta que “as afirmações ficcionais são verdadeiras dentro da estrutura do mundo possível de determinada história”<sup>2</sup>, assim, é plausível, dentro do cenário ficcional, que Jesus Cristo frequente o táxi de um motorista em Lisboa, como no conto “O taxista de Jesus”, ou que Plácido Domingo, o personagem, fosse amigo de Agostinho Neto e Mário Pinto de Andrade, como no já referido conto “Plácido Domingo contempla o rio, em Corumbá”.

Os caminhos da literatura e da história convergem para a mesma trilha no deserto. Jacques Le Goff, em seu livro *História e Memória*, afirma que “a história é na verdade o reino do inexato”, uma vez que “quer fazer reviver e só pode reconstruir”<sup>3</sup>. Walter Benjamin diz o mesmo com outras palavras: “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja num momento de perigo”<sup>4</sup>. Para Benjamin, o passado só pode ser conhecido através de fragmentos e nunca em sua totalidade. Tal conceito corrobora a visão da história apresentada por Agualusa em sua obra: é somente através dos fragmentos emersos da memória que se pode reunir o passado, reunindo o presente, pois “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’.”<sup>5</sup> É o tempo de diversos agoras de *Fronteiras perdidas* mais um monumento de um tempo social, já que recupera a subjetividade das vivências de personagens reais ou fictícios, que um monumento histórico.

Grande parte da crítica literária que avalia a obra de José Eduardo Agualusa aponta como grave defeito o cruzamento do real e do fictício nas trilhas da narrativa. Entretanto, é justamente a ambigüidade discursiva, gerada pela inserção da história na invenção criada pelo autor, um dos grandes valores de sua obra, uma vez que, nas palavras do escritor David de Mestre, “em traços gerais, se a verdade histórica não é rigorosa – o que pode irritar certas «sensibilidades» – também não é traída ao ponto de desvirtuar o sentido ético da obra”<sup>6</sup>.

Sem se prender a julgamentos discutíveis, pode-se dizer que a literatura produzida por José Eduardo Agualusa está na fronteira entre o novo e o antigo, entre a história e a ficção, o

geral e o particular e, é neste ponto fronteiro que, nas palavras de Heidegger, “algo começa a se fazer presente”<sup>7</sup>.

De Césaire a Agualusa muita coisa mudou no que se refere ao conceito de identidade. Em lugar da identidade original, fixa e imutável defendida pela Negritude, tem-se, agora, uma identidade múltipla, complexa e transitória.

Em *Fronteiras Perdidas*, José Eduardo Agualusa tenta apresentar um novo sentido à história angolana. As narrativas quiasmáticas construídas por Agualusa trazem a discussão acerca das “identidades” angolanas. Stuart Hall afirma que “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo supostamente coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e incerteza”<sup>8</sup>

A mudança no governo do país com o fim do período colonial desloca os papéis estáveis que havia entre portugueses e angolanos, o inimigo era apenas um e o aliado, também. A fixidez do discurso colonial dá lugar à diversidade do discurso pós-colonial. Através das narrativas, podemos acompanhar a mudança deste cenário, do abandono sentido por Plácido Domingo ao perder os fios que o uniam a Portugal, ao desnordeio daqueles que fizeram a guerra e não a podem parar, até a surpreendente cena de um chefe de estado assaltante, ou a ironia de uma elite luandense que afirma que “os pretos não sabem comer lagostas”.

Os contos narrados em *Fronteiras perdidas* apresentam personagens de identidades ambíguas, duplos reflexos da realidade angolana e mundial. São exemplos dessas caracterizações duplas os lagartos que riem como humanos e o velho que falava como lagartos, do conto “Dos perigos do riso”, ou o viajante que mudava de raça conforme a maioria que estivesse a sua volta, em “Não há mais lugar de origem”. Contudo, deve-se ressaltar que essas ambivalências de identidade apresentam-se tanto no aspecto racial quanto no aspecto social.

O conto “A pobre pintora negra que era um branco rico”, retrata o perigo de um racismo às avessas num período em que negros, brancos e mestiços dividem espaços numa sociedade não mais dividida dicotomicamente entre negros e brancos, colonizadores e colonizados. Já o conto “O carro malhado”, fala dos papéis duplos daqueles que detêm, hoje, o poder em Angola, tratando-se não só de uma crise racial, mas também de uma crise social.

Outro exemplo importante para a problematização das identidades originadas após o período colonial é o já referido conto “Eles não são como nós”, no qual o guerrilheiro, que segue matando e roubando mesmo após a guerra, se denomina “nós”, indicando uma perda da individualidade a favor de uma coletividade que foi útil durante a guerra mas que, agora, parece deslocada e perversa. Em lugar do “nós” coletivo e homogêneo do passado, têm-se vários “eus”, múltiplos e híbridos no presente das narrativas.

Homi Bhabha afirma que essas identidades múltiplas são “*hibridismos culturais que se formam a partir de conflitos e que emergem num momento de transformação histórica*”<sup>9</sup>. É a partir de um lugar entre o antigo e o novo que essas identidades emergem. O conceito de

identidade não pode mais ser visto dicotomicamente como no passado e, sim, de uma forma múltipla, já que não somente as fronteiras externas foram diluídas mas também as internas.

Agualusa traduz toda esta teoria com a simples imagem que faz de si mesmo: “*um somatório de culturas não uma subtração*”<sup>10</sup>. A essência de sua obra reflete os traços desta tendência atual de reavaliação histórica que procura, através da arte, não eliminar as diferenças, formando uma identidade una, mas harmonizá-las em um novo contexto social, múltiplo e mestiço de identidades transitórias.

Os contos para viajar de *Fronteiras perdidas* são histórias espaciais de deslocamento, num universo ficcional globalizado e globalizante, ultrapassando fronteiras geográficas e discursivas. A volta ao mundo no elevador do texto é inscrita numa narrativa quiasmática marcada pela diluição das fronteiras quer espaciais, quer temporais ou discursivas, pois reúne diversos cantos do globo, perambula entre o passado e o presente, mescla personagens reais e fictícios enquanto “viaja”.

A figura do quiasmo representa bem a obra literária de José Eduardo Agualusa, uma vez que propõe um equilíbrio por assimetria, valoriza a heterogeneidade e elege um ponto de interseção onde as diferenças se cruzam e formam algo novo. O que se origina desta perda de balizas não é depreciativo, ao contrário, é algo bom, pois possibilita uma visão de Angola a partir de um novo *locus* de enunciação: o aqui e agora, em todo lugar e enquanto isso.

Esta literatura em trânsito, representada por delimitações espaciais que acompanham os títulos dos contos apresentados na primeira parte de *Fronteiras perdidas*, reflete o espaço além das fronteiras do pós-colonialismo, espaço global que vem suplantar o espaço do Estado-nação colonial.

Convém ressaltar que se utiliza, aqui, o termo pós-colonial não como significação de seqüencialidade ou polaridade, e sim, como nas palavras de Homi Bhabha, como “*termos que apontem insistentemente para o além*” e que podem transformar “*o presente em um lugar expandido e ex-cêntrico*”<sup>11</sup>.

Ao apresentar vários meios de transporte, como o trem, o avião, um táxi e até mesmo um elevador, Agualusa presenteia seu leitor com mais um meio de transporte, que possibilita viagens inusitadas e impensadas: o texto. A estrutura narrativa de *Fronteiras perdidas* não é a mesma de uma literatura de viagens, ou de crônicas curtas para serem lidas em trânsito, mas de uma literatura “em viagem”, uma literatura que ultrapassa os limites da ficção e da realidade. Um discurso que se encontra além e, por isso, é “pós”.

O local da fala de Agualusa, assim como toda sua obra, é questionado, pois sai do *locus* original angolano. As diferenças entre o discurso dele e os discursos de outros autores que ficaram em Angola não desautoriza nem invalida sua obra, ao invés disso a eleva como um somatório de experiências internas e externas, nunca uma subtração.

As fronteiras perdidas do tempo e do espaço, da realidade e da ficção, apontam para “*um lugar que se define pela impossibilidade de assinalar o ponto exato em que as letras se*

*cruzam*”<sup>12</sup>. O melhor seria dizer que este ponto fica na interseção do aqui/agora e do além/enquanto isso, onde se ambientam essas viagens literárias num universo de realidade paralela ao mundo global do pós-colonialismo.

*Fronteiras perdidas* é uma viagem pelo tempo e espaço do pós-colonialismo, empreendida nas dezesseis narrativas que compõem o livro.

José Eduardo Agualusa é um daqueles que conhecem o caminho de areia onde se conciliam os contrários. Angolano em viagem, por si mesmo assim definido, faz reconhecer, em seu texto, a ponte entre os espaços assimétricos da colonização e os tempos de pouca paz da independência, e reúne as diferenças alcançando outras margens, múltiplas e transitórias.

A mestiçagem de personagens reais e fictícios, nas tramas narrativas, evidencia esse lugar entre a realidade e a invenção. A historicidade, comprometida com a “verdade”, dá lugar a uma temporalidade polifônica. Não há mais uma versão da História, mas várias versões nas vozes dos diversos personagens-viajantes de *Fronteiras perdidas*. A temporalidade dessas narrativas transforma-se, não em um monumento histórico incontestável, mas num monumento de um tempo social, no qual estão incluídos todos os personagens, dominadores e dominados. A obra literária, embora não tenha compromisso com a verdade, viaja pelos espaços reais da ficção no tempo inverossímil da realidade.

Os personagens-viajantes das narrativas refletem as identidades múltiplas originadas após a colonização. Não há mais lugar de origem, as identidades estão em trânsito, assim como as narrativas. A mestiçagem cultural, negada por alguns, é evidenciada nesta viagem literária, como uma tentativa de solução. No lugar da pergunta “quem sou?”, ouve-se a resposta “eu estou”. O ser passa a ser definido pelo local onde se encontra, é a emergência do local da fala.

Esse local é marcado, nas narrativas, por um espaço global. Na era da globalização, a literatura reflete a realidade. As fronteiras geográficas são ultrapassadas assim como as fronteiras discursivas, numa vertigem barroca pelos cenários, tempos e personagens da viagem textual. A literatura globalizante de José Eduardo Agualusa reúne personagens reais e fictícios, vidas comuns e heróicas, no ponto exato em que se vai além, alcançando um espaço de intervenção no aqui e no agora, espaço tão caro aos chamados “discursos pós-coloniais”.

Esta literatura nômade, que está na fronteira, que se encontra além e por isso é chamada “pós”, nega o passado tal qual se conhece, estranha o que é homogêneo, desloca as fronteiras entre o real e a invenção, entre a casa e o mundo. É o próprio caminho de areia que abre para o mundo, é a viagem além das fronteiras geográficas e discursivas.

#### **Bibliografia:**

- AGUALUSA, JOSÉ EDUARDO. *Fronteiras perdidas*. Lisboa: D. Quixote, 1999.  
BHABHA, HOMI K. *O Local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.  
BENJAMIN, WALTER. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1984.  
CALVINO, ÍTALO. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.  
HALL, STUART. *Identidade cultural*. São Paulo: Memorial da América Latina, 1997.

LE GOFF, JACQUES. *História e memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LOPES, ANA MÔNICA H. *Ficção e história: imagens de nação em obra de Aqualusa*. Dissertação de Mestrado apresentada à Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

MESTRE, DAVID. *Lusografias crioulas*. Évora: Pendor, 1997.

SILVEIRA, JORGE FERNANDES DA. “Fernão Lopes e José Saramago. Viagem - paisagem - linguagem. Causa de veer”. In: CANDIDO, ANTÔNIO (Org.). *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. da UNICAMP/ Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Babosa, 1992.

### **Notas Bibliográficas:**

<sup>1</sup> Em entrevista a Antônio Carvalho, jornal *Diário de Notícias* de 01/08/1998, citado por LOPES, 1999, p. 08.

<sup>2</sup> CALVINO, 1990, p. 49.

<sup>3</sup> LE GOFF, 1990, p. 21.

<sup>4</sup> BENJAMIN, 1984, p. 224.

<sup>5</sup> *Ibidem*, p. 229.

<sup>6</sup> MESTRE, 1997, p. 21.

<sup>7</sup> Citado por BHABHA, 1998, p.19.

<sup>8</sup> Cf. HALL, 1997, p. 06.

<sup>9</sup> BHABHA, Op. Cit., p. 21.

<sup>10</sup> LOPES, Op. Cit., p. 124.

<sup>11</sup> BHABHA, Op. Cit., p. 23.

<sup>12</sup> SILVEIRA, In: CANDIDO, 1992, p.29.